

Índice

Introdução	11
1. Engenheiros contra Advogados	21
2. Construir em Grande	41
3. O Poder Tecnológico	77
4. A Política de Filho Único	115
5. Covid-Zero	149
6. A China-Fortaleza	191
7. Aprender a Gostar de Engenheiros	231
Agradecimentos	257
Notas	261

Introdução

Sempre que vejo uma manchete a anunciar que responsáveis dos Estados Unidos e da China voltaram a entrar em confronto, sinto que a situação é mais do que apenas trágica: é tragicómica, porque tenho a certeza de que não há dois povos mais parecidos do que o norte-americano e o chinês.

Uma onda de materialismo grosseiro atravessa ambos os países, gerando por vezes veneração de empreendedores bem-sucedidos, criando noutras ocasiões manifestações de total frivolidade e contribuindo no geral para um vigoroso espírito de competição. Ambos são pragmáticos: têm uma atitude de «fazer acontecer» que pode produzir resultados apressados. Ambos estão repletos de oportunistas que vendem atalhos, sobretudo em termos de saúde e riqueza. Ambos têm profundo apreço pelo sublime tecnológico: a sedução por projetos grandiosos que superam os limites físicos. As elites norte-americanas e chinesas sentem-se frequentemente desconfortáveis com as opiniões políticas da população. Mas as massas e as elites estão unidas na convicção de que participam de uma nação com um poder excecional, que deve fazer valer o seu peso, se os países mais pequenos não se mantiverem no seu lugar.

Cheguei a esta percepção na minha qualidade de canadiano que viveu temporadas quase iguais nos Estados Unidos e na China. Para mim, são dois países arrebatadores, exasperantes e, acima de tudo, profundamente insólitos. O Canadá é organizado. Por vezes,

sinto-me relaxar quando cruzo a fronteira, no regresso. Já ao circular pelos Estados Unidos e pela China, veem-se pessoas e lugares completamente inexplicáveis. Não é uma crítica. Os dois países são caóticos, em parte porque são ambos motores de mudança global. Os europeus têm um sentimento de otimismo apenas em relação ao passado, encurralados na sua economia em mausoléu, demasiado arrogantes para abraçarem as práticas norte-americanas ou chinesas. E o resto do mundo é demasiado maduro ou demasiado jovem para igualar o impacto destas duas superpotências. São os norte-americanos e os chineses — Silicon Valley, Shenzhen, Wall Street e Pequim — que vão determinar o que as pessoas, por todo o mundo, vão pensar e o que vão comprar.

Não são os únicos países do mundo que importam. Longe disso. Mas se não entendermos como eles funcionam e interagem, então, em grande medida, não compreenderemos verdadeiramente muitas das maiores mudanças a nível global. Os dois países estão a reconfigurar a ordem internacional e um ao outro. Ver a China com mais clareza — os seus deslumbrantes pontos fortes, as suas chocantes fragilidades e tudo o que fica pelo meio — também nos ajuda a perceber melhor os Estados Unidos.

Para compreender a China, temos de começar pela cidade mais fascinante do país: Pequim.

Pequim cativa, não porque seja agradável, mas porque não o é. Pela maioria dos critérios, a vida em Pequim é monótona. Fica no árido norte do país, onde tempestades de areia descem de vez em quando sobre as casas dos tortuosos becos da cidade, que datam dos tempos imperiais, e sobre os blocos de apartamentos cinzentos de estilo soviético. Na última década ou mais, o Estado entaipou muitos dos seus locais mais animados, incluindo numerosos bares e churrasqueiras de beira de estrada, transformando a cidade numa zona sem diversão. Quer arriscar a vida? Tente enfrentar os carros que circulam a toda a velocidade pelas gigantescas avenidas de Pequim. Tal como em Moscovo ou Pyongyang, parecem ter sido construídas para desfiles militares e não para a vida quotidiana. Na verdade, tudo o que pode correr mal em matéria de urbanismo correu mal em Pequim.

Mas a capital é também uma cidade de peso e significado. Pequim atrai muitas das pessoas mais inteligentes da China, nomeadamente cientistas, líderes tecnológicos e quem procura ascender no Partido Comunista. Os membros carrancudos do Politburo não estão para brincadeiras. Para eles, grandiosidade não é apenas um chavão: é uma procura incessante, absoluta, de vida ou morte. Pequim, ao longo deste livro, representa o Partido Comunista e o governo central. Os líderes chineses são movidos por uma paranoia intensa, fazendo tudo o que podem para controlar o futuro.

Os meus pais emigraram comigo, da China para o Canadá, quando eu tinha sete anos. Durante o meu secundário, fomos viver para os subúrbios arborizados de Filadélfia (onde eles continuam a viver). Depois de ir para a universidade, em Nova Iorque, e trabalhar para Silicon Valley, regressei à China para investigar os seus desenvolvimentos tecnológicos. Aprendi a apreciar algo vital: o país está incessantemente em movimento. Viver em Hong Kong, Pequim e depois Xangai foi uma boa aprendizagem, e não apenas por serem as zonas económicas mais prósperas do país. Durante seis anos, vivi um período de dinamismo económico que cedeu lugar a uma repressão política sufocante. Testemunhei uma mobilização incessante do país para a competição com as grandes potências, movida pelo líder supremo Xi Jinping. Acompanhei a crescente teia de restrições dos EUA sobre empresas tecnológicas chinesas, bem como a luta destas para escapar aos constrangimentos norte-americanos. E suportei integralmente os três anos da política de Covid-Zero de Xi, que começou de forma impressionante, até mergulhar o país na desgraça generalizada.

O Estado chinês constrói obras públicas deslumbrantes e não hesita em confinar minorias étnicas e cidades inteiras. Grande parte dos observadores externos foca-se apenas no enriquecimento ou na repressão. Viver no terreno coloca-nos, simultaneamente, perante uma melhoria sustentada dos padrões de vida e os surtos autoritários que emanam de Pequim. Para mim, deixou de ser contraditório considerar que as coisas estão a melhorar e a piorar *ao mesmo tempo*. Vi que a China é composta por empreendedores fortes, *a par de* um governo

forte, com um Estado que avança depressa, passando tanto por cima de coisas *como* de pessoas.

Era o analista de tecnologia da Gavekal Dragonomics, uma empresa de análise de investimentos, voltada para um público financeiro. Éramos uma pequena equipa de analistas, gerida por editores que antes tinham sido jornalistas de economia. A minha tarefa consistia em escrever notas informativas para gestores de fundos especulativos (*hedge funds*), de fundos patrimoniais e de outros ativos, ávidos de informação sobre a China. A investigação da Dragonomics não se centrava em empresas específicas, antes em questões macroeconómicas mais ambiciosas, sobre a direção que o país estava a tomar e o que isso significava para o mundo. Os gestores de carteiras não se acanhavam em ir ao cerne da questão e perguntavam-me: o sistema político chinês consegue *realmente* gerar gigantes tecnológicos? A produção avançada vai resultar, quando o resto do mundo está a levantar barreiras comerciais? Como é que uma economia em desaceleração afeta os desígnios de Pequim em relação a Taiwan?

Se eu não desse respostas convincentes, as conversas podiam parecer mais uma sabatina socrática do que um diálogo entre colegas. Embora os gestores de fundos especulativos possam ser arrogantes, achava vantajoso conversar com eles. O pessoal da gestão financeira torna-se facilmente atreito a filosofar, o que me pressionava a centrar os meus pontos de vista sobre questões decisivas. Trabalhei arduamente para decifrar para onde Xi estava a levar a China, o que significava ler textos do partido, mesmo os mais obscuros, e visitar diferentes regiões, mesmo as mais desconhecidas.

Ao viajar sempre que possível por cidades mais pequenas — sendo algumas pouco mais do que parques industriais urbanizados —, compreendi algo que a maioria dos norte-americanos, e até muitos chineses, não entende: visitar cidades pouco conhecidas da China é *divertido*. Por toda a parte, deparei-me com comida fantástica, vistas insólitas e pessoas incríveis. Constatei que o país tinha um dinamismo maior do que o reconhecido pela maioria das notícias, que se fixam nas maquinações políticas de Pequim. Basta imaginar o que o

resto do mundo perderia se quisesse compreender os Estados Unidos exclusivamente através de análises sobre Washington, DC.

Por todo o lado, senti a velocidade estonteante e, por vezes, temerária da China. Tentei captar as mudanças e os conflitos do país, sacudido por uma pandemia e por um ambiente internacional cada vez mais sombrio, escrevendo um relato anual. Era uma espécie de diário, onde registava tudo o que observava e sentia. Em 2020, escrevi sobre a minha leitura de todos os discursos de Xi Jinping, na *Qiushi* (Busca da Verdade), a principal revista teórica do Partido Comunista; em 2021, sobre as diferenças entre Hong Kong, Pequim e Xangai; e em 2022, sobre a experiência de vaguear, durante o pior período da Covid-Zero, pelas montanhas da província de Yunnan — que tem, a norte, o histórico Tibete e que, no sul, parece a Tailândia.

Pensava constantemente nos Estados Unidos. Não era apenas porque a Administração Trump estava a travar uma guerra comercial e tecnológica; Pequim mantém a América firmemente debaixo de olho. Os dirigentes da China estão evidentemente dispostos a aprender com a Europa, o Japão, Singapura e muitos outros. Mas olham especialmente para os Estados Unidos, mais do que para qualquer outro país, para se medirem em relação à potência mais destacada no mundo.

É quase desconcertante quão complementares têm sido os Estados Unidos e a China. Não foi por acaso que os dois países estabeleceram, durante algumas décadas, uma parceria económica que funcionou fantasticamente para os consumidores norte-americanos e para os trabalhadores chineses. Mas a nível político, estes dois sistemas são um caso de contrastes. Enquanto os Estados Unidos refletem as virtudes do pluralismo e da proteção dos indivíduos, a China estava a descobrir as vantagens e os perigos que advêm de avançar rapidamente, para alcançar resultados físicos rápidos.

Ao longo das últimas quatro décadas, a China tornou-se mais rica, mais capaz tecnologicamente e mais determinada na diplomacia externa. Aprendeu tão bem com os Estados Unidos que começou a batê-los no seu próprio jogo: capitalismo, indústria e orientação das inesgotáveis ambições do povo. Para se avaliar como era Detroit no